



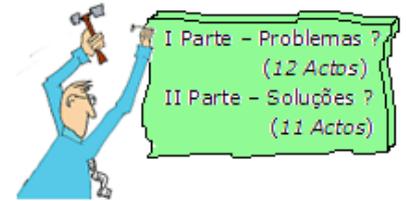
Nelson Trindade

Edição SocioSistemas
www.sociosistemas.com



Lupa sobre a democracia _ Acto 16

... e assim, co-labora ou morre ...



A gazela evolui na fuga ao leão e o leão evolui na perseguição à gazela.

Do mesmo modo, a polícia e os ladrões ajudam-se a evoluir conjuntamente.

Pode dizer-se que a democracia é o conjunto de regras que permite gerir o equilíbrio do dilema, *competição-colaboração*, existente dentro do sistema social.

Se, numa determinada perspectiva, a competição é a base da existência dos organismos vivos, pode perguntar-se *...então porque é que eles colaboram?* Porque é que colaboram a nível da constituição dos seus grupos, no acordo implícito da pro-criação, na coexistência espacial do abrigo, na ajuda em segurança para sobreviver? Porquê, também, quando entregues a si próprios, constituem, tão naturalmente, núcleos de *aliados*?

Será que a base da existência é uma *competição desenfreada* com pausas para colaboração, ou, pelo contrário, *uma colaboração generalizada* com períodos de competição?

Ou, em alternativa, serão a competição e a colaboração apenas o verso e reverso da mesma moeda, nunca existindo uma sem a outra? Será esta a alternativa realista, caso elas sejam a base da auto-organização da acção evolutiva?

Na época actual, assiste-se nas sociedades contemporâneas a uma intensificação da competição e da colaboração, em moldes novos dentro da História humana, o que obriga a rever as estruturas de co-existência social.

Analisando a relação *competição-colaboração* é possível definir duas alternativas de funcionamento democrático.

Na primeira, um modelo de ***democracia primária***, existe uma ***competição clara, a pretexto da colaboração***. Quer isto dizer que as diversas entidades políticas lutam entre si (***fim***) a fim de conquistar mais poder, e tudo isto a pretexto de existirem problemas sociais para resolver (***meio***).

Na segunda, um modelo de ***democracia evoluída***, existe uma ***colaboração objectiva dentro da competição*** para solução do problema. Quer isto dizer que as diversas entidades lutam contra os problemas a resolver (***fim***), e por causa disso põem em comum a competição das suas competências (***meio***).

As duas alternativas têm os fins e os meios trocados, ou seja, o que é o *fim* para uma é o *meio* para a outra.¹

¹ - É o caso do médico que agradecia aos deuses o facto de existirem tantos doentes (meio) para ele poder trabalhar como médico (fim), ou agradecia o facto de ser médico (meio) para poder tratar aqueles doentes (fim).

Como exemplo, imagine-se uma criança doente num hospital e tratada por dois médicos em conflito entre si. Cada um deles pode ter duas posições distintas.

Numa delas, consideram que o **fim** pretendido é derrotar o outro médico, competindo entre si na melhor solução a aplicar e, para que esta luta seja possível, utilizam como **meio** o tratamento a dar à criança.

Na outra hipótese, o **fim** pretendido é que a criança se cure e, para isso, colaboram entre si para encontrar o tratamento mais eficaz, tendo como **meio**, a competição de quem apresenta mais propostas válidas, para o outro decidir (recusar ou aprovar).

As duas alternativas apresentadas têm os fins e os meios trocados, e consequências totalmente diferentes. Nitidamente destrutivas no primeiro caso e construtivas no segundo.

Nas estratégias da *democracia primária*, onde **o importante é competir e não resolver problemas**, o ideal é o outro estar bloqueado, rígido, desinformado e incapaz de pensar, para mais facilmente ser derrotado. Neste caso a estratégia preferida é aumentar o problema, para não se perderem recursos de luta, enquanto se procura (finge procurar?) a solução.

Nas estratégias da *democracia evoluída*, **onde o importante é resolver problemas e não competir entre si**, o ideal é o outro estar dialogante, flexível, informado e treinado para pensar, para melhor poder colaborar. Neste caso, a estratégia preferida é reduzir o problema, para não se perderem recursos de luta, enquanto se tenta solucioná-lo.

Ora, é exactamente nesta segunda situação, que a técnica do **Jazz** é a mais indicada. Ela consiste em **dar deixas** para que o outro com a sua diferença, autonomia e competência, colabore na solução do problema, utilizando exactamente essas **deixas**. Deste modo, abre-se a porta à criatividade e à inovação, rompendo os padrões existentes.

Esta perspectiva abre uma questão que é o de saber se, na dinâmica dos sistemas complexos e no plano da sobrevivência, o impulso de colaborar é mais intenso que o impulso de competir? Se sim, porquê?

Em relação com esta questão, uma dúvida se pode levantar, sobre o que é causa e o que é consequência no plano da evolução: *sobreviveram os que eram mais aptos, ou, simplesmente, foram mais aptos porque sobreviveram?*

Ao longo dos tempos, o leão adaptou-se e evoluiu na perseguição à gazela, enquanto a gazela se adaptou e evoluiu na fuga ao leão. Ambos sofreram um processo de mútua adaptação, pelos **co**-agimentos (pressão mútua à adaptação) que infligiram um ao outro.

Pode dizer-se que existe uma espécie de princípio da relatividade de Darwin, que se pode enunciar do seguinte modo: ***está sempre alguém adaptando-se a alguém.***²

A sobrevivência de um organismo depende do *habitat* em que se situa, dos organismos que o rodeiam e com quem inter-age, dos recursos que tem e do processo que viveu. O conceito de *organismo mais apto* não tem qualquer sentido se se isola o organismo em si próprio. *Ser mais apto* implica perguntar **...apto em relação a quê?**, ou seja, ser mais apto implica introduzir um contexto, e, se o contexto for diferente, esse organismo pode passar de *apto* a *inapto*.

Ser mais apto significa, portanto, que se integrou positivamente na mudança da sua relação com o contexto. E isto **só se sabe depois da integração**. Antes disso acontecer o que existe são apenas probabilidades que, como se viu, nos sistemas complexos apresentam muitas incógnitas.

²- Holland, John H. - *Adaptation in Natural and Artificial Systems*

Ao estilo de La Palisse, poder-se-ia dizer que alguém *foi mais apto em sobreviver, pela simples razão de que conseguiu sobre-viver.*

As situações são todas tão incertas e imprevisíveis que apenas se pode concluir *para o passado*. Ou seja, pode acontecer que um determinado organismo sobreviva nas condições actuais, mas seja o menos apto para sobreviver na situação seguinte.

Na realidade, a evolução processa-se por espécie de eterna dança de **co-evolução** com os parceiros e com a situação que os rodeia.

É nesta linha que, no plano da liderança, o valor de um líder pode reconhecer-se pelo valor dos seus colaboradores mais directos. A base deste raciocínio está em admitir que eles evoluem conjuntamente (**co-evoluem**) na mesma direcção, sem rupturas, na dança comum que lhes é característica e cujo padrão se pode detectar.

Num sistema dinâmico e complexo (política, economia, sociedade, etc) tudo se passa como se a evolução fosse uma espécie de alpinismo numa montanha de borracha macia.³

Retoma-se, assim, a parábola do *caminhante e do caminho*, pois é como se a montanha se deformasse à medida que o viajante faz força para caminhar, numa adaptação do terreno ao esforço do alpinista. Por sua vez, este facto obriga o caminhante a reformular constantemente a melhor forma de subir a montanha, pois esta após cada passo nunca mais é mesma. Nem para ele nem para os que lhe vêm atrás.

Nesta analogia, a sociedade é esta espécie de paisagem de borracha que se deforma e adapta a todos os movimentos que lá se fazem, e os cidadãos são os viajantes que a deformam e que a ela se têm que adaptar.⁴

Simultaneamente, como o movimento de um só viajante altera a paisagem, isso obriga todos os viajantes a evoluir em conjunto, (**co-evolução**) adaptando-se ao que aconteceu. Daqui, sai directamente a responsabilidade social de uns perante os outros.

Este dinamismo **co-transformante** é exponencial, pois quanto mais os cidadãos são actores activos, mais o dinamismo cresce, mais as suas movimentações são rápidas e imprevisíveis, e mais a paisagem é afectada, afectando todos, mais intensa e bruscamente, e assim sucessivamente.⁵

Deste modo, não se pode falar em entidades mais aptas, pois o que existe é uma mútua adaptação-desadaptação, e em seu lugar considerar-se-ão, apenas, sistemas que sobrevivem ou não. A capacidade de sobrevivência destes está directamente relacionada com a sua capacidade de inovação adaptativa ao processo que os envolve.

Por sua vez, esta capacidade adaptativa depende do dinamismo criativo da **co-evolução** que os agentes que compõem a sociedade estabelecem entre si. Numa palavra, depende da qualidade da colaboração que instalam, e do valor da auto-organização, que, conscientemente ou não, vão construindo.

Se a entropia e a degradação permanente das organizações são factos do universo, também o nascimento e manutenção de organismos são factos reais do mesmo universo. Esta duas forças contrapõem-se.

E a primeira revolta contra a sopa cósmica, revolta essa que combateu a degradação instalada e deu origem à vida, deixou uma mensagem muito clara:

³- Kauffman, S., *Origins of order: Self-organization and Selection in Evolution*

⁴ - O modelo poderia ser *...o que se faz, é devolvido..* ou *...colhe-se o que se semeou..* Se se semeia *racismo*, sem disso ter consciência, às vezes, é também inconscientemente que depois se colhe *racismo*.

⁵- *vide*, a evolução da URSS.

Co-labora ou morre !

A nova democracia tem que preparar os sistemas sociais para viverem a *aventura da diferença*.

A colaboração e a participação são a sinergia das sociedades humanas. Nunca se evolui, apenas se pode *co-evoluir*, ou seja, evoluir conjuntamente. Assim, a sociedade vive permanentemente entre,

a *coacção*, que quer dizer *obrigar a algo*,
e a *co-acção*, que significa *agir em conjunto*.

Como poderá a democracia responder a isto ?

Lupa sobre a Democracia_Acto 17
...e por fim... a democracia da cumplicidade